



Os Monges Beneditinos

Dom Celestino de Barros Morais, OSB

Introdução

Nestas páginas vão uma base histórica da Ordem de São Bento e a doutrina monástica do patriarca de Montecassino, indicando as linhas mestras de seu pensamento e ao mesmo tempo o carisma dos monges beneditinos.

Na sua história mostra-se o papel do monaquismo beneditino, nos primeiros séculos de seu tempo, a conversão dos povos bárbaros e a ação social e civilizadora dos monges. Na Alta Idade Média salienta-se o papel de apoio das grandes abadias na luta que os papas empreenderam para libertar o governo da Igreja da interferência do poder civil. Nos séculos XVII e XVIII, grandes números de beneditinos se voltam para os estudos de erudição na França e na Alemanha. Na França aparecem as edições críticas das obras de Padres da Igreja e na Alemanha se dedicam aos estudos de filosofia e teologia. Nos séculos XIX e XX os beneditinos da França começam a restauração da Ordem em seu país e a restauração da liturgia. Esta restauração litúrgica passou para outros países e deu origem ao movimento litúrgico, oferecendo à piedade dos fieis as bases sólidas do culto da Igreja, Missa, Sacramentos e Liturgia das Horas. O movimento litúrgico foi uma revitalização da vida espiritual dos fiéis, cujos frutos o Concílio Vaticano II colheu.

Este artigo se destina à divulgação da espiritualidade beneditina, em especial para aquelas pessoas que desejam tomar como norma de sua vida religiosa os ensinamentos contidos na Regra de São Bento, como os oblatos e oblatas dos nossos mosteiros. Finalmente, visa levar ao conhecimento dos jovens que aspiram um ideal religioso de perfeição pela entrega de si mesmo a Deus no seguimento de Cristo.

I. A COMUNIDADE E O ABADE

Como povo de Deus reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, aparece a Igreja toda (*Lumen Gentium*, 1). A Igreja é o Sacramento da Salvação que abrange o homem todo e todos os homens, sobretudo na sua dimensão comunitária. No interior da comunidade eclesial os religiosos e os monges se especificam em viver este mistério de unidade, ser uma comunidade realmente evangélica, na força do Espírito Santo, à semelhança da primeira comunidade



cristã da Jerusalém em que “a multidão dos crentes tinha uma só alma e um só coração”. (At 4,32)

São Bento, ao escrever a sua Regra, comunicou aos seus mosteiros uma profunda comunidade de vida através do espírito eclesial de família, família sobrenatural, que a Regra contém. No mosteiro um grupo de cristãos se reúne, chamado pelo Espírito da fraternidade evangélica, que caracteriza a própria vida da Igreja. O monge é o que “vive em comunidade, o monasterial, militando sob a regra e um abade”. (RB 1). No mosteiro beneditino a procura de Deus se realiza no seio de uma família espiritual, a comunidade monástica, tendo por pai espiritual o abade: “Crê-se que no mosteiro faz às vezes de Cristo” (RB 2). E os monges todos são membros desta família espiritual. Todos nasceram para a vida monástica pelo segundo batismo, a profissão monástica, consagração monacal, feita entre as mãos do abade, representante de Deus e da Igreja.

A alma da vida da comunidade monástica é a caridade fraterna. “A caridade foi difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (RM 5,5). Eis o grande mistério que faz a unidade da Igreja e da comunidade monástica, “para que todos sejam um” (Jo 17) segundo o pedido de Jesus ao Pai, na última ceia.

O Abade: Os monges “são aqueles que, vivendo em comunidade, desejam que um abade os guie” em sua vida comunitária. O abade no mosteiro faz às vezes de Cristo. O abade é muito mais do que um superior religioso. São Bento definiu em dois capítulos da Regra (cap.2 e 64) o seu papel na comunidade. Como o nome indica, o abade é Pai, mestre, servidor, pastor e médico das almas. Seu encargo é servir, é pôr-se a serviço dos irmãos, segundo os mais variados temperamentos das personalidades, para permitir a cada um responder a uma vocação que, por se realizar em vida comunitária, não deixa de ser pessoal. No seu governo deve dispor tudo com equilíbrio e discrição para que “os fortes desejem mais e os fracos não desanimem” (RB 64). A comunidade monástica não pode ser um corpo sem cabeça, como a Igreja também sem Cristo e sem papa. Assim como, no lar cristão, o sacramento do matrimônio habilita o marido a ser o sacramento do Senhor, também assim o abade o é na comunidade monástica.

O abade é eleito pelos monges professos solenes do mosteiro. O seu governo é por tempo indeterminado, isto é, enquanto for julgado com aptidões para governar. Ao completar 75 anos de idade, o abade apresentará renúncia ao cargo abacial. Falando da ordem na comunidade, São Bento diz: “Honrem os mais novos aos mais velhos e os mais velhos os mais novos e assim estarão todos em paz”. E no cap. 72: “Amem ao seu Abade com sincera e humilde caridade”.



II. A ORAÇÃO

São Bento fala da oração em suas duas modalidades: a oração litúrgica, o Ofício Divino ou Liturgia das Horas e a oração pessoal.

A missa conventual e a Liturgia das Horas estabelecem o ritmo de oração na vida de um mosteiro beneditino. Além da oração litúrgica, a oração pessoal ou particular desempenha um papel de relevo na vida do monge. A missa conventual é o centro do louvor divino. A sua celebração deve ser a expressão mais autêntica da vida comunitária dos irmãos. A Liturgia das Horas é a celebração comunitária da Palavra de Deus e é isto que constitui a sua grandeza. É a expressão verdadeira no tempo e no espaço do mistério de Cristo e resposta do homem. Por ela é consagrado o dia, a semana e o ano.

Deus é o centro da vida do mosteiro; o louvor divino, oração da Igreja, ocupa o primeiro lugar na vida do monge, “ao qual (louvor) nada deve ser preferido”. (RB 43).

A “*lectio divina*”, ou leitura espiritual, é dos aspectos da vida monástica mais inculcada desde as origens do monaquismo, sendo elemento básico da santificação do monge e fonte perene onde seu espírito se alimenta. Seu objetivo é a Sagrada Escritura e a doutrina da Igreja exposta e comentada pelos autores eclesiais antigos (Padres da Igreja) e modernos. Boa parte do dia lhe é reservada. A oração brota somente de uma alma que dela se alimenta. As quatro partes da “*lectio divina*” são: *lectio*, *meditatio*, *contemplatio* e *oratio*. A Santa Regra a recomenda quando diz: “Ouvir de boa vontade as leituras Sagradas”. Devemo-nos entregar à leitura, primeiro da Sagrada Escritura e dos demais livros do patrimônio monástico, patrística, teológico, litúrgico da Igreja e dos bons livros com difusão das sólidas doutrinas e tradições eclesiais.



III. O TRABALHO

“A ociosidade é inimiga da alma, por isso em certas horas, devem ocupar-se os irmãos no trabalho manual e em outras horas com a leitura espiritual”. (RB 48). Fora as horas do Ofício Divino, o restante do dia do monge beneditino se divide entre as ocupações do espírito, “*lectio divina*” e estudos, aulas e conferências e trabalho manual. A divisa dos monges, “*Ora et labora*” (“Reza e trabalha”) é a dupla forma de serviço do Senhor que os monges abraçaram. São Bento diz na Regra que “serão verdadeiramente monges se vivem do trabalho de suas mãos, como os nossos pais (no monaquismo) e os apóstolos” (RB 48). Isto quer dizer que ganham o seu sustento com seu trabalho, seja ele manual ou intelectual. O trabalho na história do monaquismo foi sempre praticado em diversas modalidades: desde o arado nos primeiros tempos até os grandes trabalhos eruditos dos maurinos, nos séculos XVII e XVIII. Todo trabalho é compatível com a vida do monge, desde que não prejudique a vida monacal. Nos últimos séculos bom número de monges tem-se dedicado ao ensino em seus colégios. No Brasil os quatro mosteiros mais antigos – Rio de Janeiro, São Paulo, Olinda e Bahia – mantêm colégios com muito boa reputação.

A hospitalidade é outro trabalho que os monges realizam nos dias de hoje. Ela foi sempre tida como apostolado peculiar dos monges e isto desde os tempos mais remotos do monaquismo. São Bento determina na Regra que “todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como o Cristo” (RB 53). Nos dias de hoje os homens, principalmente das grandes cidades, sentem necessidade de se recolherem, de vez em quando, em lugares de ambiente de paz, de silêncio e oração.

IV. O ESPÍRITO DO MONAQUISMO BENEDITINO

São Gregório diz nos “Diálogos” que São Bento “estava cheio do espírito de todos os justos”. Ele quer dizer com isto que São Bento não ficou só com certos aspectos particulares da perfeição, mas que abraçou em toda amplitude o ideal cristão, o espírito do Evangelho. O espírito beneditino é a síntese do Evangelho, reconstitui a harmoniosa unidade do cristianismo. O grande bispo e orador sacro que foi Bossuet, diz: “A Regra de São Bento é um profundo resumo de toda a doutrina do Evangelho, de todas as instituições dos Padres da Igreja, de todos os conselhos evangélicos”.

Longe de procurar alguma propriedade exclusiva para se diferenciar das outras Ordens, os filhos de São Bento se nutrem do alimento comum de todos os fiéis. Quais são os seus livros próprios? E eles responderão: São os livros da Sagrada



Escritura. Quais os seus manuais de piedade? O Missal e o livro da Liturgia das Horas. Quais são as festas de sua predileção? Natal, Páscoa e Pentecostes com todas as outras festas da Igreja. Além destas, há as festas da falange dos santos que são glorificados, ao lado das festas do Senhor.

Tudo acima exposto se passa na Regra de São Bento pela orientação da paternidade espiritual que vem de Deus Pai, passa pelo seu Filho Jesus Cristo e na força do Espírito Santo continua a residir na Igreja. Esta paternidade espiritual é algo que vem do tempo dos apóstolos. Como exprime São Paulo em suas epístolas, quando fala da comunicação espiritual e emprega a expressão: “*ego per evangelium vos genui*”, “eu pelo Evangelho vos gerei”. O apóstolo é portador do espírito. Os pais do monaquismo, segundo Cassiano, são portadores do espírito. As sentenças que dirigem aos seus discípulos, que pela prática delas se santificaram, contêm a força do Espírito Santo. Isto se realiza tanto no monaquismo eremita como no cenobita. Quando aparece entre os cenobitas, surge na função do abade (cenobita) que passa a ser o pai espiritual na comunidade monástica e o seu cargo e função passam a ser uma vice-gerência de Cristo: “Crê-se que no mosteiro o abade faz às vezes de Cristo”. E continua: “passa a ser chamado pelo mesmo cognome que este, no dizer do apóstolo: recebestes o Espírito de adoção de filhos no qual clamamos Abba – pai” (RB 2).

Com a paternidade espiritual surge também o conceito de família sobrenatural, cujo tipo mais perfeito é a Igreja. Nesta linha vem também a ideia de fraternidade espiritual; todos são irmãos em Cristo que, por sua vez, nos transmite a filiação divina que Ele recebe do Pai e nos faz dela participante.

São Bento, depois de traçar as linhas da vocação monástica, pelo fim do Prólogo diz qual é o seu objetivo: “devemos, pois, constituir uma escola do serviço do Senhor. Nesta instituição esperamos nada estabelecer de áspero ou de pesado. Mas se aparecer alguma coisa um pouco mais rigorosa, ditada por motivo de equidade, para correção dos vícios ou conservação da caridade, não fujas logo, tomado de pavor do caminho da salvação que nunca se abre se não por estreito início”. Nestas palavras vemos que o espírito beneditino é feito de brandura e não de rigorismo. São Bento quer que o abade conduza sua comunidade “*fortiter et suaviter*”. A espiritualidade beneditina é marcada pela orientação da discrição, isto é, de equilíbrio, elasticidade e flexibilidade.



V. OS BENEDITINOS NO BRASIL

A Ordem de São Bento se estabeleceu no Brasil no século XVI, sendo os monges oriundos da Congregação Beneditina de Portugal. O primeiro mosteiro fundado foi o de São Sebastião, na Bahia, em 1582. Em seguida, foram fundados os mosteiros de Olinda, entre 1586 e 1592, o do Rio de Janeiro, em 1590, e o de São Paulo, em 1598. Os mosteiros beneditinos do Brasil, constituídos em Província da Congregação Beneditina Portuguesa, tiveram o seu apogeu nos séculos XVII e XVIII, com muitas vocações vindas tanto de Portugal como nativas. Prosperaram, também, material, espiritual e intelectualmente.

Os mosteiros brasileiros separaram-se da Congregação Beneditina Portuguesa depois da Independência política, em 1827 e foram no mesmo ano erigidos pelo Papa Leão XII em Congregação própria, com o nome de Congregação Beneditina do Brasil. As abadias que a compunham eram: São Sebastião da Bahia, São Bento de Olinda, Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro e Nossa Senhora da Assunção de São Paulo (tradicionalmente todos são chamados Mosteiros de São Bento). No Brasil, o século XIX foi um século marcado pelo filosofismo oriundo da Revolução Francesa, através da maçonaria. Nesse século vários países da Europa extinguiram as ordens religiosas; no Brasil, adotaram-se métodos menos radicais, proibindo-as de receber noviços, mas o fim era o mesmo: a morte lenta destas instituições. Os monges do Brasil foram diminuindo aos poucos, ceifados pela morte e o governo impedia o ingresso de novas vocações. A situação era desoladora e de desânimo, mas a Providência divina, que governa o mundo, tinha a sua hora e ela chegou. Em 1889 caiu o regime monárquico e foi implantada a república, que estava eivada de positivismo e nada queria saber da Igreja; o catolicismo não foi mais tido como religião do Estado, como na monarquia, e isso deu à Igreja liberdade de se organizar. O novo regime republicano antes ignorou a Igreja do que a ajudou. Logo as Ordens religiosas começaram a entrar em contato com suas casas da Europa para se restaurarem. O abade geral dos beneditinos do Brasil e abade do Mosteiro da Bahia, Dom Domingos da Transfiguração Machado, dirigiu-se ao papa Leão XIII, pedindo sua interferência junto aos beneditinos da Europa para ajudarem a restauração dos mosteiros do Brasil. A Congregação de Beuron aceitou a incumbência e enviou para a tarefa o monge de Maredsous, Dom Gerardo van Caloen, com um grupo de padres e irmãos conversos que chegaram ao porto do Recife no dia 17 de agosto de 1895. O grupo era formado por alemães e belgas. Foi-lhes cedido o Mosteiro de Olinda, onde se instalaram e começaram a vida regular com a celebração do Ofício Divino. A obra de restauração dos mosteiros do Brasil se processou progressivamente, começando a receber noviços. Com as vocações brasileiras e com outras, vindas da Europa, os mosteiros puderam ser repovoados. De Olinda, a restauração



passou aos Mosteiro da Bahia, São Paulo, e em 1903, foi restaurado o Mosteiro do Rio de Janeiro. Dom Gerardo van Caloen estabeleceu na Bélgica uma procuradoria de vocações europeias para os mosteiros do Brasil, fundando o Mosteiro de Santo André, mais tarde elevado a abadia. Separou-se depois da Congregação Brasileira para se unir a outros e assim formar a nova Congregação Belga. Dom Gerardo era vigário geral do abade geral Dom Domingos. Em 1907, com o consentimento da Santa Sé, foram designados os abades das quatro abadias: Dom Domingos, abade da Bahia, tendo por coadjutor Dom Majolo de Cagny; Dom Gerardo, Rio de Janeiro, tendo por coadjutor Dom Crisóstomo de Saeger; Dom Pedro Roeser, Olinda e Dom Miguel Kruse, São Paulo. Tendo a Santa Sé entregue as missões do Rio Branco ao mosteiro do Rio de Janeiro, este mosteiro tornou-se abadia territorial e seu abade prelado. Dom Gerardo foi elevado a bispo titular de Focea. A 1º de julho de 1908, Dom Domingos entregou sua alma a Deus. Por ocasião da nomeação dos novos abades constituíram-se as famílias monásticas, passando os monges a fazerem, daí em diante, voto de estabilidade para cada mosteiro (antes o voto de estabilidade era na Congregação). Pouco depois se reuniu o capítulo geral em Roma, quando foram redigidas as novas Constituições, moldadas segundo as Constituições de Beuron e aprovadas pela Santa Sé.

O Mosteiro de Santos, fundado em 1625, criado priorado conventual em 1925, anos depois transferiu-se para Vinhedo, perto de Campinas. Devido à falta de pessoal foi assumido pela Arquibadia de St. Vincent, dos Estados Unidos, da Federação Americano-Cassinense.

Em 1940 fundou-se o Mosteiro de São Bento em Garanhuns, Pernambuco, para onde se transferiu a Escola Claustal dos oblatos, que estava numa dependência do Mosteiro do Rio. Fechada em 1966 essa Escola, ficou o mosteiro dependente da Abadia de Olinda, com direito a noviciado próprio desde 1980. A partir de 1986 é priorado conventual, ou seja, independente.

No sul de Minas, perto de Itajubá, fundou-se, em 1956, o Mosteiro de Santa Maria de Serra Clara, com noviciado próprio e uma vida de cunho acentuadamente contemplativo. Em 1957 foi erigido canonicamente, como priorado simples, ficando sob a jurisdição do Abade Presidente da Congregação. Transferido para Pouso Alegre em 2006, modificou o nome para Mosteiro de São Bento e foi erigido em priorado conventual em 2007. Este mosteiro transferiu-se em 2013 para Bolonha, na Itália, assumindo o Mosteiro de Santo Estevão, que era até então um mosteiro de monges beneditinos olivetanos. Compreende um complexo de igrejas e edifícios de grande valor histórico e artístico (Basílica de Santo Stefano). Este mosteiro italiano é agora um priorado conventual da Congregação Beneditina Brasileira. O Mosteiro de Pouso Alegre passou a ser priorado simples em 2014, dependente de Bolonha. No ano seguinte transferiu-se para Frederico Westphalen, no Rio Grande do Sul, mas fechou em 2017.



O Mosteiro da Santa Cruz, em Brasília, foi fundado pelo mosteiro de Olinda, em 1987, como priorado simples, com noviciado próprio, passando a priorado conventual em 1995.

AS MONJAS BENEDITINAS

São Bento tinha uma irmã chamada Escolástica que, seguindo o exemplo do irmão, abraçou a vida monástica. Pelo que se depreende dos “Diálogos” de São Gregório, ela habitava um mosteiro não muito longe de Montecassino. Ela e suas monjas deviam viver sob a orientação espiritual de São Bento e, provavelmente, seguiram a Regra que ele escrevera para os monges, adaptando-a à condição feminina.

Em 1911, fundou-se em São Paulo o primeiro mosteiro de monjas beneditinas do Brasil e de todo o continente americano. Um grupo de jovens brasileiras, desejando abraçar a vida monástica beneditina, com o auxílio do abade Dom Miguel Kruse, se dirigiu à abadia inglesa de Stanbrook (fundada em 1623) para lá receber a formação beneditina e depois retornarem ao Brasil. De fato, assim se deu e, aos 24 de novembro de 1911, foi erigido o Mosteiro de Santa Maria. Em 1918 foi elevado a abadia, sendo sua primeira abadessa Madre Gertrudes da Silva Prado. Em 1976 o mosteiro se transferiu do centro de São Paulo, onde era localizado, para o bairro Tremembé, na mesma cidade.

Um grupo de jovens argentinas, em 1940, ingressou na Abadia da Santa Maria, em São Paulo, com a finalidade de receber a formação monástica e depois retornar a Argentina. Em 1941 esse grupo voltou para a Argentina e fundou a Abadia de Santa Escolástica em Victoria, província de Buenos Aires (integra hoje a Congregação do Cone-Sul [*Cono-Sur*], tendo fundado, por sua vez, vários mosteiros).

Nos anos seguintes, a Abadia de Santa Maria fundou os seguintes mosteiros: de Nossa Senhora das Graças, em Belo Horizonte, 1949 (abadia em 1953); da Santa Cruz, em Juiz de Fora, 1960 (priorado conventual em 1972, tornou-se abadia em 1977); de Nossa Senhora da Paz, em Itapeccica da Serra, São Paulo, em 1974 (priorado conventual em 1976, abadia em 1983).

O Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, por sua vez, fundou, em 1963, em Olinda, o Mosteiro de Nossa Senhora do Monte (priorado conventual em 1967 e abadia em 1974); em 1973, o Mosteiro de Caxambu (priorado conventual em 1977, tornou-se abadia no ano 2000); em 1977, o Mosteiro do Salvador, em Salvador da Bahia (erigido em priorado conventual em 1983, tornou-se abadia



em 1997). O Mosteiro de Belo Horizonte ajudou o Mosteiro da Virgem, em Petrópolis, em 1962, a se integrar em nossa Congregação (ele tinha sido fundado em Roma como Congregação da Companhia da Virgem, em 1925, transferindo-se para o Brasil em 1937, sendo incorporado oficialmente na Congregação Beneditina do Brasil em 1967, tornando-se abadia em 1980).

Por outro lado, um grupo de monjas beneditinas, vindo da Dinamarca e estabelecido em Uberaba, em 1948, recebeu ajuda do Mosteiro de Belo Horizonte, tendo-lhe dado uma monja como primeira abadessa: é o Mosteiro da Nossa Senhora da Glória, erigido em abadia em 1968. Este Mosteiro fundou em Campos do Jordão o Mosteiro de São João, em 1964, o qual passou a priorado conventual em 1973 e foi elevado a abadia, em 1981. Em 1989, o Mosteiro de Petrópolis assumiu o Mosteiro da Mãe de Deus Conquistadora, de Santa Rosa, no Rio Grande do Sul (fundado por monjas da Abadia de Santa Maria em 1979). Priorado simples com direito a noviciado, passou a priorado conventual em 2005 e transferiu-se para Viçosa, em Minas Gerais, em 2008 e daí para Diamantina em 2011, ambos em Minas Gerais, como Mosteiro da Mãe de Deus.

Em São Cristovão, Sergipe, o Mosteiro do Monte fundou em 1982, o Mosteiro de Nossa Senhora da Vitória, elevado a priorado conventual em 1993. Transferiu-se em 2003 para Juazeiro do Norte, no Ceará e foi elevado a abadia em 2014.

O Mosteiro da Virgem fundou em 1994 o Mosteiro da Virgem de Guadalupe, em São Mateus, Espírito Santo, o qual é priorado conventual desde 2008; e em 1997 o Mosteiro Nossa Senhora do Seringueiro, em Guajará-Mirim, Rondônia, um priorado simples (dependente do mosteiro fundador), o qual fechou em 2016.

O Mosteiro do Monte fundou um mosteiro em 1994 em Sobral, no Ceará, como priorado simples, o qual transferiu-se para Fortaleza em 1995, sendo elevado a priorado conventual em 2017. É o Mosteiro da Visitação.

O único priorado simples atualmente é o Mosteiro de Santa Maria da Esperança, em Rio Branco, Acre, fundado em 1993 pelo Mosteiro da Santa Cruz, em Juiz de Fora.

BENEDITINOS DE OUTRAS CONGREGAÇÕES

Ao lado dos Mosteiros da Congregação Beneditina do Brasil, existem em nosso país alguns mosteiros beneditinos pertencentes a outras Congregações que integral a Confederação Beneditina. São todas fundações ocorridas na segunda metade do século XX.

Dois mosteiros já integraram a Congregação Beneditina do Brasil, mas hoje não mais pertencem a ela. Assim o Mosteiro de São Bento, em Vinhedo, São Paulo,



já acima citado, é, desde 1964, um priorado dependente da Arquibadia da Saint Vincent, nos Estados Unidos (em Latrobe), da Congregação Americano-Cassinense.

Em 1981 foi erigido dentro da Congregação Beneditina do Brasil o Mosteiro de Ponta Grossa no Paraná, com monges vindos do Mosteiro de S. Paulo, sendo em 1987, elevado a priorado conventual. Em 1997 tornou-se abadia (Abadia da Ressurreição). Deixou, porém, em 2008, a Congregação Beneditina do Brasil para integrar a Província Espanhola da Congregação de Subiaco.

Integrou-se também em 2010 à Congregação de Subiaco o Mosteiro da Transfiguração, em Santa Rosa, no Rio Grande do Sul. Trata-se de mosteiro fundado por um monge belga em 1996 na diocese de Santo Amaro, S. Paulo, e que se transferiu para Santa Rosa, em 1999, sendo inicialmente uma fundação diocesana.

Se o Mosteiro de Vinhedo depende da Arquibadia da Saint Vincent, existe no Brasil ainda outro Mosteiro de fundação americana: o Mosteiro de São José, em Mineiros, Goiás, fundado em 1962, depende da Abadia de Atchison (St. Benedict), nos Estados Unidos. Ele também integra a Congregação Americano-Cassinense.

O Mosteiro da São Geraldo, no bairro do Morumbi, em São Paulo, pertence à Congregação Húngara. Fundado em 1953 como priorado conventual, tornou-se abadia em 1989.

Os beneditinos olivetanos possuem em Ribeirão Preto a Abadia de Nossa Senhora do Monte Oliveto. O mosteiro foi fundado em 1919 como casa dependente da Abadia de Monte Oliveto Maggiore, na Itália, sendo erigido em abadia em 1939, estando há vários anos, porém, apenas com um prior conventual. Possui uma casa na capital paulista, o Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança.

Os beneditinos da Congregação de Valumbrosa têm o Mosteiro de São João Gualberto, fundado em 1967 em Pirituba, São Paulo.. É um priorado conventual. Dele depende o Mosteiro de Nossa Senhora do Montenegro, em Jundiaí, São Paulo.

A Congregação dos Monges Eremitas Camaldulenses fundou em 1987 o Mosteiro da Transfiguração, em Mogi das Cruzes, no Estado de São Paulo. É dependente do Sacro Eremo (Camaldoli), na Itália.

Ao lado dos mosteiros masculinos, há também alguns mosteiros femininos que não pertencem à Congregação Beneditina do Brasil. As Monjas Beneditinas da Rainha dos Apóstolos tem o Mosteiro do Encontro, no município de Mandirituba, no Paraná. A fundação, inicialmente em Curitiba, data de 1965, sendo uma dependência do Mosteiro de Nossa Senhora de Betânia, em Loppen, na Bélgica.



Desde 1987 constitui um priorado conventual. Transladou-se para Mandirituba em 1999. Tem uma fundação em Itacoatiara, na Amazônia, o Mosteiro da Água Viva, priorado simples fundado em 1999.

Em Ribeirão Preto estão as beneditinas do Priorado Regina Pacis (fundação de 1952 do Priorado de Shotenhof, na Bélgica). Trata-se de mosteiro da Congregação denominada “Vita et Pax”, associada aos monges olivetanos. A Congregação é composta de monjas e oblatas, que formam uma mesma comunidade.

Enfim, as monjas camaldulenses possuem o Mosteiro da Encarnação, em Mogi das Cruzes, em São Paulo, fundado em 1993, sendo priorado dependente desde 2004.

AS IRMÃS BENEDITINAS

Existem ao lado das monjas, algumas Congregações religiosas femininas de vida ativa, seguindo a Regra de São Bento.

As Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing têm fundações no Brasil, no sul e no nordeste. Em Sorocaba, Estado de São Paulo, tem sede o priorado que conta com muitas casas no sul. Em Olinda tem sede o priorado do nordeste também com muitas casas na região. Atualmente as Irmãs, no Brasil, se dedicam ao ensino em colégios, ao trabalho paroquial, assistencial, etc.

Existem ainda as Irmãs beneditinas da Federação de Santa Escolástica, em Mineiros (Mosteiro de Santa Maria Mãe de Deus), as Irmãs Oblatas Beneditinas de Santa Escolástica, em Itaquaquecetuba, S, Paulo; as Beneditinas do Imaculado Coração de Maria, em Barreiras, Bahia; as Irmãs Beneditinas Missionárias, com várias casas na Bahia e em Santa Rosa, no Rio Grande do Sul.

* * * * *

Ao lado dos monges, monjas e irmãos acima mencionados, que integram Congregações ou institutos religiosos pertencentes à Confederação Beneditina (à frente da qual está o Abade Primaz, com sede em Roma), há um fenômeno recente de mosteiros que seguem a Regra de São Bento mas não estão integrados na Ordem, são simplesmente de caráter diocesano, ou seja, estão apenas sujeitos ao bispo da diocese em que estão localizados. É o caso do



MOSTEIRO DE
SÃO BENTO
RIO DE JANEIRO

Mosteiro de São Bento, na arquidiocese de Fortaleza (monges), o Mosteiro da Natividade do Senhor, nem Arapiraca, diocese de Penedo, em Alagoas.

Este trabalho é dedicado apenas aos Beneditinos em sentido estrito. Chamamos apenas a atenção aqui no final que a família beneditina é maior que a Ordem de São Bento (Confederação Beneditina). Seguem também a Regra de São Bento os monges e monjas que integram a Ordem Cisterciense e também a Ordem dos Cistercienses Reformados (mais conhecidos como Trapistas). Todos tem mosteiros no Brasil: existem no Brasil cinco mosteiros de monges e três de monjas cistercienses, uma trapa masculina e outra feminina.

Existe também no Brasil, um mosteiro cartuxo, Nossa Senhora Medianeira, em Ivorá, diocese de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Contudo os cartuxos não seguem a Regra de São Bento.

Separata de “Em Comunhão” n° 100, de 1993

**Atualizações elaboradas por D. José Palmeiro Mendes, OSB
em dezembro de 2017.**

Edições Lumen Christi